

AS EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA APRESENTAM O 271º NÚMERO DA COLECÇÃO BANG!

Os MELHORES CONTOS de

HOWARD PHILLIPS

LOVECRAFT



**ORGANIZAÇÃO,
TRADUÇÃO E
NOTAS DE**

**JOSÉ
MANUEL
LOPES**

COMPOSIÇÃO: SAÍDA DE EMERGÊNCIA EM CARACTERES MINION PRO.

~ ~ ~ Impresso e acabado em segredo na: ~ ~ ~

CAFILESA - SOLUÇÕES GRÁFICAS, LDA.

PRIMEIRA EDIÇÃO: NO MÊS DE AGOSTO DE 2017

ISBN: 978-989-773-064-1 Depósito legal nº 428384/17

COPYRIGHT DESTA EDIÇÃO: 2017 EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark, Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva, Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B,
2740-296 Porto Salvo, Portugal / Tel.: 214 583 770



VISITE-NOS
PELA CALADA
DA NOITE EM:

🏠 WWW.SDE.PT
📘 [EDICOESSAIDAEEMERGENCIA](https://www.facebook.com/EDICOESSAIDAEEMERGENCIA)
📷 [EDITORASIDA.DE.EMERGENCIA](https://www.instagram.com/EDITORASIDA.DE.EMERGENCIA)
🐦 [@SAIDAEMERGENCIA](https://twitter.com/SAIDAEMERGENCIA)





NOTA IMPORTANTE:

OS EDITORES NÃO SE RESPONSABILIZAM POR MANIFESTAÇÕES DE INSANIDADE
OU TENTATIVAS DE SUICÍDIO INDUZIDAS PELA LEITURA DESTA OBRA.

ÍNDICE.



P R E F Á C I O



1. **O Prado Verde**
2. **O Último Teste**
3. **O Carrasco Eléctrico**
4. **A Maldição de Yig**
5. **O Monte**
6. **A Cabeleira Enrolada
de Medusa**
7. **O Homem de Pedra**
8. **A Morte Alada**



: Prefácio :

Reunimos neste sexto volume de *Os Melhores Contos de Lovecraft* textos escritos em colaboração, se bem como revisões de contos escritos por outros autores, mas quase inteiramente reescritos por H. P. L. Assim, será bom salientar que este autor, na maior parte dos trabalhos que aqui se apresentam, ou escreveu baseando-se num enredo que lhe fora previamente sugerido, ou corrigiu o texto de ficção de um modo tão exaustivo que considerá-lo como co-autor do mesmo acabará por ser uma questão de justiça. No primeiro conto que aqui se inclui, «O Prado Verde», o nome de Lovecraft surge-nos na versão original. Nos contos revistos e modificados para Adolphe de Castro, S. T. Joshi — o conhecido crítico americano — garante-nos que H. P. L. não só lhes alterou os títulos como praticamente os reescreveu. Por exemplo, em «O Último Teste» e em «O Carrasco Eléctrico», os títulos eram totalmente diferentes dos que Castro — um autor judeu de ascendência portuguesa — publicara inicialmente em 1893 na sua colectânea *In the Confessional*. Segundo Joshi, «Lovecraft reescreveu por completo ambas as histórias, preservando apenas o esqueleto de cada trabalho». O mesmo se passou com os três contos de Zelia Bishop. Será curioso notar que Frank Belknap Long, um escritor de contos de terror e agente literário de Zelia, tentou abreviar «O Monte» a fim de o poder submeter a uma das revistas de *pulp-fiction*. Mais tarde, August Derleth voltou a rever e a abreviar «O Monte» e «A Cabeleira Enrolada de Medusa» com o intuito de publicar ambas as obras em *Weird Tales*, porém, apresenta-se aqui a versão completa, escrita pelo punho de Lovecraft, que permaneceu manuscrita até à sua morte. Quanto aos contos em colaboração com Hazel Head poderíamos dizer que o envolvimento de H. P. L. no conto «O Homem de Pedra» teria sido menor, se bem que tivesse, segundo Derleth, escrito parágrafos inteiros. Contudo, «A Morte Alada» foi escrito por Lovecraft quase na sua totalidade.

Este volume, onde se reúnem verdadeiras obras-primas da *pulp-fiction* americana das décadas de 1920/1930, será seguido por um outro com mais contos em colaboração, encerrando-se deste modo as obras completas de ficção lovecraftiana que têm vindo a ser publicadas por esta editora.

José Manuel Lopes

: O PRADO VERDE¹ :

(Traduzido para inglês por H. P. Lovecraft,
Elizabeth Neville Berkeley e Lewis Theobald, Jr.²)

NOTA INTRODUTÓRIA: *A curiosa narrativa (ou relatório de impressões) que se segue foi descoberta em circunstâncias tão extraordinárias que merecem uma cuidadosa descrição. No fim de tarde de quarta-feira, 27 de Agosto de 1913, por volta das 8:30, a população da vila costeira de Potowonket, no Maine, EUA, foi acordada por um ribombante estrondo acompanhado por um clarão de luz intensa. As pessoas junto à costa viram uma gigantesca bola de fogo cair do céu para o mar, a pouca distância, levantando uma prodigiosa coluna de água. No domingo seguinte, um grupo de pescadores composto por John Richmond, Peter B. Carr e Simon Cranfield apanharam nas redes de arrasto, e trouxeram para terra, uma massa metálica pesando cerca de 180 quilos, e assemelhando-se (tal como afirmou o Sr. Cranfield) a um pedaço de escória. Muitos dos habitantes foram da opinião de que esse objecto pesado seria afinal a bola de fogo que caíra do céu quatro dias antes, e o Dr. Richmond M. Jones, a autoridade científica local, sugeriu que deveria tratar-se de um aerólito ou de uma pedra meteórica. Ao tentarem retirar vários fragmentos desse achado, para os enviarem a uma analista da especialidade em Boston, o Dr. Jones descobriu, no interior dessa massa semimetálica, um estranho livro contendo o conto que se segue e que ainda se encontra em nossa posse.*

Na sua forma, esta descoberta assemelha-se a um livro de notas, de dez por seis centímetros, com trinta páginas. No entanto, quanto ao material que o constitui, apresenta várias

¹ Publicado pela primeira vez em *The Vagrant* (Primavera de 1927) com o título original «The Green Meadow».

² Trata-se, como é óbvio, de uma falsa tradução escrita pelos autores mencionados.

peculiaridades. A capa é feita, aparentemente, de uma escura substância pétrea que os geólogos desconhecem e, segundo as experiências a que procederam, absolutamente inquebrável, não existindo reagente químico que pareça actuar sobre a mesma. As páginas são do mesmo material, excepto que são um pouco mais claras e tão infinitamente finas que quase se tornam flexíveis. No seu todo, esse livro encontra-se encadernado através de um processo, que ainda não se tornou claro para aqueles que o examinaram, e que envolve a aderência da substância das folhas ao material da capa. Essas mesmas folhas já não podem agora ser separadas da capa, tal como não se conseguem arrancar, não importa a força utilizada nesse processo. A escrita consiste no grego clássico mais puro e vários alunos de paleografia declaram que o tipo de caligrafia parece datar do século II a. C. Há pouco nesse texto capaz de nos ajudar a atribuir-lhe uma data. O modo de o escrever não pode ser descrito, para além do facto de que se deveria assemelhar à maneira como poderemos escrever com uma pena numa lousa. Durante o curso dos processos de análise, levados a cabo pelo saudoso Professor Chambers de Harvard, várias páginas, sobretudo as que concluem a narrativa, encontravam-se esbatidas, ao ponto de estarem quase apagadas antes de serem lidas, algo que constituiria uma perda irremediável. O que ainda resta dos conteúdos foi transcrito em letras gregas modernas pelo paleógrafo Rutherford e submetido, sob essa forma, aos tradutores.

O Professor Mayfield, do Instituto de Tecnologia do Massachusetts, que examinou amostras dessas estranha pedra, declara que se trata de um verdadeiro meteorito, opinião acerca da qual o Dr. Winterfeldt de Heidelberg (detido, em 1918, num campo de concentração americano como um inimigo estrangeiro) não está inteiramente de acordo. O Professor Bradley, da Faculdade de Colúmbia, em Chicago, tem uma postura menos dogmática, apontando para o facto de vários ingredientes desconhecidos se encontrarem presentes em grandes quantidades, e alertando também para a evidência de estarmos ainda longe de uma possível clarificação.

A presença, natureza e mensagem dessa estranha forma de livro tornam-se, deste modo, um problema de tal ordem, que não importa sequer aventar qualquer tipo de explicação. O texto, tal como se encontra preservado, apresenta-se aqui numa versão tão literal quanto o possa permitir a nossa língua inglesa, na esperança de que algum leitor possa finalmente vir a propor uma interpretação, resolvendo assim um dos maiores mistérios científicos da actualidade.

H. P. L., E. N. B., L. T. Jr.

(A História)

Era um local confinado e eu estava sozinho. De um lado, para lá da margem de um ondulante verde intenso, via-se o mar: azul, luminoso, repleto de vagas alterosas, enviando-me exalações de espuma que me intoxicavam. Tão profundas, na verdade, eram essas exalações, que me davam a estranha impressão de uma coalescência de mar e céu, pois este encontrava-se igualmente iluminado e azul. Do outro lado, via a floresta, quase tão antiga como o mar, que se estendia infinitamente para o interior. A escuridão era aí intensa, pois as árvores pareciam grotescamente grandes, luxuriantes e incrivelmente numerosas. Os seus grossos troncos eram de um verde horrível que se misturava estranhamente com os estreitos carreiros verdes no meio dos quais caminhava. A alguma distância, de ambos os lados, essa estranha floresta estendia-se até ao mar, apagando a linha costeira e absorvendo esse caminho. Algumas das árvores, tal como observei, elevavam-se da própria água, como se estivessem impacientes perante qualquer barreira que as impedisse.

Nada mais via que me parecesse vivo, nem sinal de que qualquer outro ser, para além de mim, alguma vez aí tivesse existido. O mar, o céu e o bosque rodeavam-me, estendendo-se para regiões bem para lá da minha imaginação. Nem havia nesse local outro som senão o da madeira empurrada pelo vento e o do quebrar das ondas.

Ao permanecer nesse local silencioso, comecei de súbito a tremer,

pois, embora não soubesse como lá tinha chegado e mal me conseguisse lembrar do meu nome e profissão, pensei que enlouqueceria se pudesse compreender o que me rodeava. Lembrei-me então de coisas que aprendera, de coisas que sonhara, imaginara e ansiara numa vida distante e diferente. Pensei em longas noites em que olhara para as estrelas do céu, amaldiçoando os deuses pelo facto da minha alma livre não conseguir atravessar os vastos abismos que me eram fisicamente inacessíveis. Conjurei antigas blasfémias e tremendas pesquisas nos papiros de Demócrito. Contudo, à medida que as memórias me iam surgindo, tremi de um medo ainda mais intenso, pois sabia que estava só — horrivelmente só. Sozinho, mas no entanto perto de impulsos sensíveis de uma enorme e vaga qualidade, que eu rezei para nunca poder compreender ou vir a encontrar. Na voz dos ondulantes ramos verdes, pensei detectar uma espécie de ódio maligno e um triunfo demoníaco. Vezes havia em que os mesmos me surpreendiam num horrível colóquio com coisas horrendas e fantasmagóricas, que os corpos de escamas verdes das árvores acabavam por quase esconder da vista, mas não da consciência. A sensação mais opressiva consistia numa impressão sinistra de estranhamento. Embora visse à minha volta objectos que eu poderia nomear: árvores, ervas, mar e céu, sentia que as relações dessas coisas comigo não eram as mesmas que a das árvores, ervas, céu e mar que conhecera numa outra vida vagamente recordada. Não conseguia descobrir a natureza dessa diferença, todavia, tremi de medo ao começar a compreendê-la.

Foi então que, num local onde ainda nada discernira para além do mar coberto por uma vaga névoa, acabei por ver o Prado Verde, separado de mim por uma vasta superfície de água azul com pequenas ondulações, e, apesar de tudo, inusitadamente perto. Muitas vezes, olhava com um certo receio para as árvores, por cima do meu ombro direito, mas preferia olhar para o Prado Verde, que me afectava de um modo que eu não conseguia definir.

Foi enquanto os meus olhos estavam pousados nessa superfície singular, que senti a terra a mexer-se por baixo dos meus pés. Esta parecia adquirir uma espécie de pulsante agitação que eu julgava emanar malevolamente de uma acção consciente. O pedaço de margem em que eu me encontrava separou-se da relva que quase atingia a linha de água e começou a flutuar, empurrado lentamente em frente como se por uma corrente sem força para lhe resistir. Nem sequer me mexi, de tal modo estava

surpreendido por esse fenómeno sem precedentes. Mas mantive-me rigidamente quieto até que um largo caminho de água se abriu entre mim e as zonas das árvores. Depois sentei-me, sem saber o que fazer, e olhei uma vez mais para a água iluminada pelo sol e para o Prado Verde.

Por detrás de mim, as árvores e as coisas que estas poderiam estar a esconder pareciam irradiar uma infinita ameaça. Soube tudo isto sem mesmo as observar, pois, quanto mais me ia habituando a esse cenário, menos me ia tornando dependente dos cinco sentidos em que sempre me baseara. Sabia que essa floresta de escamas verdes me odiava, contudo, estava agora a salvo dela, pois o pedaço de terra em que me encontrava flutuara para longe da margem.

Todavia, embora tivesse ultrapassado um dos perigos, outro se levantava diante de mim. Pedacos de terra estavam constantemente a separar-se dessa ilha flutuante onde ainda me conseguia equilibrar, de modo que a morte poderia estar iminente. E no entanto, mesmo nesse momento, pareceu-me perceber que a morte não mais seria morte para mim, pois voltei-me outra vez para observar o Prado Verde, permeado por uma estranha sensação de segurança que contrastava estranhamente com o terror que sentia.

Foi então que ouvi, a uma distância imensurável, um som de água a cair. Não o das triviais cascatas que conhecera, mas o que poderia ser ouvido nas longínquas terras citas, se todo o Mediterrâneo começasse a correr para um abismo sem fundo. Era na direcção desse som que a minha ilha cada vez mais pequena se dirigia, se bem que eu me sentisse feliz.

Ao longe, por detrás de mim, estavam a acontecer coisas estranhas e terríveis, coisas que me voltei para ver, mas tremi ao observar. Pois no céu pairavam, fantasticamente, formas escuras e vaporosas, debruçando-se sobre as árvores e parecendo responder aos desafios desses ondulantes ramos verdes. Foi então que uma espessa neblina se levantou do mar para se juntar às formas do céu, enquanto a margem do rio me desaparecia de vista. Embora o sol — ainda que eu não soubesse qual — brilhasse sobre a água à minha volta, a terra que acabara de deixar parecia envolta numa tempestade demoníaca onde se juntava a vontade dessas árvores infernais e do que elas escondiam, tal como os ímpetos do mar e do céu. Então, essa neblina desapareceu, vi apenas o azul do céu e do mar, pois a terra e as árvores já não se encontravam presentes.

Foi nesse momento que a minha atenção foi atraída pelo *cântico* no Prado Verde. Aí, tal como dissera, não encontrara sinais de vida humana, mas, nesse momento, chegava-me aos ouvidos um canto monótono cujas origens e natureza eram aparentemente inconfundíveis. Enquanto as palavras eram completamente ininteligíveis, esse cântico acordava em mim uma estranha série de associações que me recordavam alguns versos vagamente aterradores que em tempos traduzira de um livro egípcio e que, por sua vez, tinham sido retirados de um papiro da velha Meroé. Através do meu cérebro, sugeriram-me versos que temo repetir — versos que se referiam a coisas muito antigas e a formas de vida nos dias em que o nosso planeta ainda era jovem. Coisas que pensavam, se moviam e estavam vivas, mas que, no entanto, nem os deuses nem os homens considerariam vivas. Era um livro muito estranho.

À medida que me mantinha à escuta, tornei-me pouco a pouco consciente de uma circunstância que antes me intrigara apenas a um nível subconsciente. O meu olhar não conseguira distinguir até aí quaisquer objectos no Prado Verde, sendo apenas uma impressão de verdura vívida e homogénea a soma total da minha percepção. De súbito, no entanto, vi que a minha ilha se aproximava bastante da margem, de modo que eu poderia ir até esse local para me inteirar dele e dos seus cânticos. A minha curiosidade em ver os cantores aumentara bastante, embora se misturasse a uma certa apreensão.

Pedaços de relvado continuavam a desprender-se dessa pequena ilha flutuante que me arrastava, mas não me importei com isso, pois sabia que não iria morrer com o corpo (ou com a aparência de corpo) que eu parecia possuir. Que tudo à minha volta, incluindo a vida e a morte era ilusório; que eu ultrapassara já os limites da entidade mortal e corporal, transformando-me numa coisa livre e separada, foi algo que me impressionou como sendo praticamente uma certeza. Nada sabia acerca do lugar em que me encontrava, excepto que tinha a noção de que não me poderia encontrar no planeta Terra que em tempos me fora tão familiar. As minhas sensações, para além de uma espécie de terror que me dominava, eram as de um viajante que tivesse embarcado numa infinita jornada de descoberta. Por momentos, pensei nas terras e nas pessoas que deixara e nos modos estranhos como eu, um dia, lhes poderia contar essas minhas aventuras, embora fosse provável que nunca chegasse a regressar.

Conseguira agora flutuar até muito perto do Prado Verde, de modo que as vozes se tornavam claras e distintas. Contudo, embora soubesse muitas línguas não conseguia interpretar as palavras desse cântico. Eram-me de facto familiares, tal como sentira subtilmente a uma distância maior, mas, apesar da sensação de lembrança vaga e fascinada nada conseguia perceber. Uma *qualidade* bastante extraordinária nas vozes — algo que não consigo descrever, seduzia-me e aterrorizava-me ao mesmo tempo. Os meus olhos podiam agora perceber várias coisas por entre a verdura omnipresente: grandes pedras cobertas de musgo verde, arbustos de uma altura considerável, e formas menos discerníveis, de enorme tamanho, que pareciam mover-se ou vibrar por entre esses mesmos arbustos de um modo peculiar. O cântico, cujos cantores eu estava tão ansioso por ver, pareceu-me mais alto nos locais em que essas formas eram mais numerosas e se moviam mais vigorosamente.

Foi então que, à medida que a minha ilha ia flutuando cada vez mais perto, e o som da queda de água distante se tornava mais intenso, que pude ver claramente *a origem* de todo esse cantar e que, num instante horrível, me lembrei de tudo. Não me atrevo a falar dessas coisas, pois aí se revelava toda a hedionda solução de tudo o que me intrigara, e a mesma poderia enlouquecer qualquer pessoa, quase como se passara comigo... Conhecia agora a mudança a que fora submetido e através da qual outros seres, que em tempos tinham sido pessoas, tinham passado! E conhecia agora o ciclo infinito do futuro a que ninguém como eu poderia escapar... Irei viver para sempre, estar consciente para sempre, embora a minha alma implore aos deuses o alívio da morte e do esquecimento... Tudo está agora diante de mim. Para além da torrente ensurdecidora existe a terra de Stethelos, onde os jovens são infinitamente velhos... O Prado Verde... Irei enviar uma mensagem através do horrível abismo imensurável...

[*Neste ponto o texto torna-se ilegível.*]

FIM



: O ÚLTIMO TESTE³:

(com Adolphe de Castro)

I

Poucas pessoas conhecem em profundidade a história de Clarendon, ou até mesmo que haja uma profundidade que os jornais nunca conseguiram alcançar. Tratou-se de uma verdadeira sensação em São Francisco nos dias antes do grande incêndio, não apenas devido ao pânico e à ameaça que a pareciam acompanhar, mas também devido à sua íntima ligação com o governador do Estado da Califórnia. O Governador Dalton, tal como ainda se deverão recordar, era o melhor amigo de Clarendon, tendo-se casado mais tarde com uma irmã sua. Ora, nem Dalton nem a Sr.^a Dalton iriam discutir esse penoso assunto, mas, no entanto, os mesmos vieram a revelar-se a um círculo muito limitado. Se não fosse isso, juntamente com os anos que trouxeram uma qualidade vaga e uma certa impessoalidade às pessoas envolvidas, teríamos ainda que sentir uma certa hesitação antes de tentarmos aprofundar os segredos que o tempo tem guardado tão estritamente.

A nomeação do Dr. Alfred Clarendon como director médico da Penitenciária de San Quentin, na década de 1890, foi aclamada com um sincero entusiasmo através da Califórnia. São Francisco tinha por fim a honra de albergar um dos grandes médicos e biólogos da época, e poder-se-ia esperar que especialistas em patologia de todo o mundo viessem em grandes grupos para estudarem os seus métodos, beneficiarem dos seus conselhos e das suas pesquisas, e aprenderem a lidar com os seus próprios problemas. De um dia para outro, o Estado da Califórnia tornar-se-ia assim um centro de saber médico com uma influência e uma reputação mundiais.

O Governador Dalton, ansioso por espalhar essa notícia, certifi-

³ Publicado pela primeira vez na versão reescrita por H. P. L., em *Weird Tales*, vol. 12, n.º 5 (Novembro de 1928) com o título original «The Final Test».

cou-se de que a imprensa iria oferecer relatos amplos e dignos desse seu novo nomeado. Fotografias do Dr. Clarendon na sua nova casa perto da velha Goat Hill, esboços da sua carreira e dos seus múltiplos títulos honoríficos, bem como relatos capazes de divulgarem as suas descobertas científicas mais importantes, começaram a tornar-se comuns nos jornais diários californianos, e não demorou até o público começar a sentir uma espécie de honra subsequente no homem cujos estudos acerca da piémia⁴ na Índia, da peste na China e de toda a espécie e doenças por toda a parte, em breve enriqueceriam o mundo da medicina com uma antitoxina de uma importância revolucionária — uma antitoxina básica capaz de combater toda a espécie de febres no seu começo, assegurando assim uma eventual conquista e o extermínio da febre em todas as suas formas.

Ora, por detrás dessa nomeação, escondia-se uma longa história, não sem um certo romantismo, de uma antiga amizade, de uma longa separação, e de um novo convívio dramaticamente reatado. James Dalton e a família Clarendon tinham sido amigos em Nova Iorque dez anos antes — amigos e mais do que isso, dado que a única irmã do médico, Georgina, fora namorada de Dalton quando este era ainda muito novo, enquanto o próprio médico fora o seu associado mais íntimo e quase seu protegido nos dias de colégio e da universidade. O pai de Alfred e Georgina, um pirata de Wall Street, da mais dura e antiga estirpe, também conhecera o pai de Clarendon, e, de tal modo bem, que lhe tinha finalmente arrebatado tudo o que ele possuía na memorável luta de uma tarde que ambos travaram na bolsa. O Dalton mais velho, sem esperança de recuperar a sua fortuna e desejando dar ao seu único e adorado filho o benefício da sua segurança, apressara-se a dar um tiro na cabeça. James, no entanto, não pensara em retaliar. Era tudo parte do jogo, segundo pensava, e não desejava mal nenhum ao pai da rapariga com quem ele pretendia casar, nem ao promissor jovem cientista que ele admirara e protegera através de vários anos de camaradagem académica. Em vez disso, voltou a interessar-se pelo Direito, abriu um escritório e, ao fim de algum tempo, pediu a mão de Georgina a Clarendon.

O velho Clarendon recusara-se em voz alta e muito firmemente, jurando que nenhum pobretanas e advogado feito à pressa merecia ser seu genro, e tinha mesmo havido uma cena de considerável violência: James,

⁴ Tipo de septicemia.

dizendo por fim a esse flibusteiro o que lhe deveria ter sido dito há muito tempo, abandonara a casa e a cidade muito irritado e esteve «embarcado» durante um mês na vida californiana que iria fazer dele um governador, após lutas prolongadas com lóbis e políticos. A sua despedida de Alfred e Georgina fora breve, e ele nunca viera a conhecer as consequências dessa cena na biblioteca privada de Clarendon. Apenas por um dia perdeu ele a notícia da morte por apoplexia do velho Clarendon e, por isso mesmo, acabou por mudar todo o percurso da sua carreira. Na década que se seguiu nunca escreveu a Georgina, conhecendo bem a lealdade que ela tinha ao pai, e esperando até que a sua situação social e económica pudesse remover todos os impedimentos a esse casamento. Também nunca escrevera a Alfred, cuja calma indiferença perante as afeições e adoração por heróis tinha sempre o sabor de um destino consciente e da auto-suficiência de um génio. Seguro na constância de certas ligações, algo que mesmo nesse tempo era raro, trabalhara e progredira apenas a pensar no futuro. Era ainda solteiro e tinha uma perfeita fé intuitiva no facto de Georgina estar também à sua espera.

Dalton não ficou desapontado nessa sua fé. Meditando sobre a razão pela qual nunca recebera uma missiva de Alfred, Georgina não estabeleceu outras ligações amorosas senão em sonhos e expectativas. De facto, com o passar dos tempos, tornou-se muito ocupada com as responsabilidades que a ascensão ao mundo da fama por parte do seu irmão lhe impusera. O crescimento de Alfred não desmentira a promessa da sua juventude, e o menino magro que era ascendera calmamente pelos degraus da ciência com uma velocidade quase estonteante. Magro e ascético, com um *pince-nez* de aros de aço e barba castanha com uma ponta no queixo, o Dr. Alfred Clarendon era uma autoridade aos vinte e cinco anos e uma figura internacional aos trinta. Não se importando com assuntos mundanos nem com a negligência de um génio, dependia muito da atenção e dos cuidados da irmã, e estava secretamente agradecido pelo facto das memórias que ela tinha de James a manterem longe de outras alianças mais tangíveis.

Georgina encarregava-se dos assuntos profissionais e da casa do grande bacteriologista, e orgulhava-se de todos os esforços do irmão para a conquista da febre. Ela suportou pacientemente as suas excentricidades, acalmou as suas ocasionais explosões de fanatismo, e remediava certas zangas que ele pudesse ter com os amigos que, ocasionalmente,

resultavam do seu claro desprezo por tudo o que não fosse uma devoção sincera à verdade pura e ao seu progresso. Clarendon era inegavelmente irritante, por vezes, para as pessoas comuns, pois nunca se cansava de desvalorizar o serviço do indivíduo, em contraste com o serviço da humanidade como um todo, e em censurar os homens cultos que misturavam a vida doméstica ou certos interesses exteriores com a sua devoção pela ciência abstracta. Os seus inimigos chamavam-lhe «uma dor de cabeça», mas os seus admiradores, parando diante da energia em brasa do êxtase em que ele se iria colocar, tornaram-se quase envergonhados de alguma vez terem tido algumas normas ou aspirações fora da esfera divina do conhecimento puro.

As viagens do médico eram longas e frequentes, e Georgina, geralmente, acompanhava-o nas mais curtas. No entanto, durante três vezes, ele despendera muito tempo em passeios solitários até lugares estranhos e distantes nos seus estudos acerca de febres exóticas e pestes quase fabulosas, pois sabia que era nas terras desconhecidas da Ásia secreta e imemorial que a maior parte das doenças da Terra tinham origem. Em cada uma dessas ocasiões, ele trouxera consigo lembranças curiosas que contribuíam para a excentricidade da sua casa, entre as quais, e de não somenos importância, havia o pessoal desnecessariamente grande de criados tibetanos, recrutados algures no Utsang, durante uma epidemia de que o mundo nunca chegou a ouvir falar, mas entre os quais Clarendon descobrira e isolara o germe da peste negra. Esses homens, mais altos do que a maioria dos tibetanos e claramente pertencentes a uma estirpe muito pouco investigada no mundo exterior, eram de uma magreza esquelética, o que fazia pensar se o médico pensara em simbolizar neles os modelos anatómicos dos seus anos de estudante universitário. O aspecto deles, nas vestes soltas de seda preta dos sacerdotes Bon-Po⁵ que ele escolhera para lhes dar, era extremamente grotesco, e havia um silêncio sem sorrisos e uma rigidez nos seus movimentos que realçavam um certo ar de fantasia e despertavam em Georgina uma sensação estranha e fascinante de ter entrado nas páginas do *Vathek* ou em *As Mil e Uma Noites*.

Mas o mais estranho de tudo era o homem para todo o serviço da clínica, a quem Clarendon chamava Surama, e que ele trouxera consigo após uma longa estadia no Norte de África, durante a qual ele estudara

⁵ Bon-Po é o nome de uma religião autóctone do Tibete.

algumas inusitadas febres intermitentes entre os misteriosos tuaregues do Sara, cuja descendência da raça primitiva da Atlântida perdida era um antigo rumor arqueológico. Surama, um homem de uma grande inteligência e, aparentemente, de uma inesgotável erudição, era tão morbidamente magro como os criados tibetanos, com uma pele morena semelhante ao pergaminho tão esticada sobre sua calva e o seu rosto glabro, que cada linha do crânio se destacava com uma mórbida proeminência, sendo esse efeito de caveira agravado por uns olhos negros acesos mas sem brilho e tão profundamente colocados que, para a maioria das pessoas, pareciam apenas duas escuras órbitas vazias. Ao contrário do subordinado ideal, ele parecia, apesar das suas feições impassíveis, não desperdiçar qualquer esforço para esconder as suas emoções. Em vez disso, revelava uma atmosfera insidiosa de ironia ou diversão, acompanhada, em certos momentos, de risadas guturais como a de uma tartaruga gigante, que acabasse de despedaçar algum animal peludo e retomasse o seu caminho em direcção ao mar. A sua raça parecia ser caucasiana, pois não podia ser classificada de uma forma mais rigorosa. Alguns amigos de Clarendon pensaram que ele se assemelhava a um hindu de uma casta elevada, não obstante o seu discurso sem sotaque, enquanto muitos — que não gostavam nada dele — concordavam com Georgina quando ela dava a entender que a múmia de um faraó, se milagrosamente reanimada, formaria uma dupla quase de irmãos gémeos com esse esqueleto sardónico.

Dalton, absorto na sua árdua batalha política e isolado dos interesses da Costa Leste, através da auto-suficiência do velho Oeste, não seguira a ascensão meteórica do seu antigo companheiro; Clarendon nada ouvira dizer, na verdade, acerca de uma pessoa tão fora do mundo científico que ele escolhera, como o governador. Sendo uma pessoa independente e de muitos meios, os Clarendon tinham, há muitos anos, permanecido na sua mansão de Manhattan, na Décima Nona Rua Leste, cujos fantasmas deveriam ter olhado duramente de soslaio para a presença bizarra de Surama e dos tibetanos. Então, através do desejo que o médico tinha em transferir a sua base de observação científica, operou-se de súbito a grande mudança, e eles tinham atravessado o continente para assumirem uma vida isolada em San Francisco; tendo comprado a velha e sombria mansão Bannister, perto de Goat Hill, com vista sobre a baía, e estabelecendo assim um lar

numa extravagante relíquia cheia de recantos, com telhados franceses de meados da Época Vitoriana e toda a grande ostentação dos tempos da febre do ouro, situada entre os terrenos murados de uma região ainda meio suburbana.

O Dr. Clarendon, ainda que muito mais satisfeito do que em Nova Iorque, ainda se sentia atingido por falta de oportunidades a que se pudesse candidatar, a fim de testar a suas teorias relacionadas com a patologia humana. Se bem que nunca tivesse sido uma pessoa mundana, nunca pensara em suar a sua influência para obter um cargo público, embora cada vez mais se desse conta de que a direcção médica de uma governação ou de uma instituição de caridade — uma prisão, uma casa de auxílio ou um hospital — lhe daria um campo suficientemente lato para completar as suas pesquisas e para pôr as suas descobertas ao serviço da humanidade e da ciência em geral.

Em seguida, encontrara James Dalton por mero acidente numa tarde em Market Street, quando o governador estava a sair muito animado do Royal Hotel. Georgina estava com ele, e o aparecimento quase espontâneo de uma pessoa conhecida tinha aumentado o drama desse encontro. A ignorância de ambos pelos progressos de cada um dera azo a histórias e longas explicações, e Clarendon ficou muito agradado ao saber que tinha como amigo um funcionário tão importante. Dalton e Georgina, depois de terem trocado vários olhares, sentiram mais do que o rasto da ternura que tinham sentido na infância, e não demoraram tempo até restabelecerem aí mesmo uma amizade que acabou por ocasionar frequentes visitas e confidências cada vez mais íntimas.

James Dalton veio a saber da necessidade que o seu velho protegido tinha para ser politicamente nomeado, e procurou, fiel à sua função protectora nos tempos do colégio e da Universidade, encontrar alguma forma de dar ao «Caro Alf» a posição necessária, com tudo o que à mesma se pudesse prender. Tinha, era verdade, amplos poderes para nomear alguém, mas os constantes ataques e invasões da legislatura forçaram-no a exercê-los com a máxima discrição. Por fim, apesar de tudo, apenas três meses depois dessa reunião inesperada, o principal posto médico na instituição estadual ficou vago. Pesando todos os elementos cuidadosamente, e consciente de que as realizações de seu amigo, tal como a sua reputação, justificariam plenamente recompensas mais substanciais, o governador sentiu-se finalmente capaz de agir. As formalidades eram

mínimas, e no dia 8 de Novembro de 189 -, o Dr. Alfred Schuyler Clarendon tornou-se director médico da Penitenciária Estadual da Califórnia em San Quentin.

II

Em pouco menos de um mês as esperanças dos admiradores do Dr. Clarendon foram amplamente satisfeitas. Houve importantes mudanças nos métodos, nunca antes sonhados, a implementar na rotina médica e na eficiência da prisão e, embora os subordinados sentissem uma certa inveja, foram obrigados a admitir os resultados mágicos obtidos devido à superintendência de um grande homem. Então chegou um tempo em que a mera apreciação se poderia ter tornado numa gratidão devota, devido a uma conjunção providencial de vários factores: a época, o lugar e as qualidades desse homem, pois, uma manhã, o Dr. Jones veio ver o seu novo chefe, com um rosto muito sério para lhe dar a conhecer a descoberta de um caso que ele não podia deixar de identificar como sendo a peste negra, cujo germe Clarendon já tinha encontrado e classificado.

O Dr. Clarendon não mostrou qualquer surpresa, mas continuou a escrever.

«Eu sei» disse ele, calmamente, «deparei-me ontem com o caso. Estou feliz por o colega o ter reconhecido. Ponha esse homem numa ala separada, embora eu não acredite que essa febre possa ser contagiosa.»

O Dr. Jones, que tinha a sua própria opinião acerca do contágio da doença, estava satisfeito com esse apreço pela cautela, e apressou-se a executar a ordem. Quando voltou, Clarendon levantou-se para sair, declarando que ele próprio assumiria a responsabilidade pelo caso. Desapontado no seu desejo de estudar os métodos e a técnica desse grande homem, o médico principiante viu o director afastar-se em direcção à ala solitária onde ele instalara o paciente. Sentia-se agora mais crítico desse novo regime do que em qualquer outro momento desde que a admiração deslocara os seus primeiros acessos de ciúmes.

Ao chegar à ala, Clarendon entrou apressadamente, olhando para a cama e recuando para ver até onde a curiosidade óbvia do Dr. Jones o poderia ter levado. Em seguida, ao encontrar o corredor ainda vazio, fe-

chou a porta e virou-se para examinar o doente. Tratava-se de um prisioneiro de um tipo particularmente repulsivo, e parecia estar atormentado pelos mais vivos estertores da agonia. As suas feições estavam assustadoramente contraídas, e os joelhos dobrados acentuadamente para cima, no desespero mudo dos que tinham sido atacados pela doença. Clarendon observou-o de perto, erguendo-lhe as pálpebras bem fechadas, tomou-lhe o pulso e a temperatura e, por último, dissolveu um comprimido num copo de água, levando-o aos lábios do paciente e forçando-o a beber. Não demorou muito até a intensidade do ataque ter diminuído, como se tornava visível pelo modo como o paciente distendia o corpo e a sua expressão voltava à normalidade, tendo também começado a respirar com mais facilidade. Então, através de uma massagem suave nas orelhas do doente, o médico fez com que este abrisse os olhos. Havia neles vida, pois os mesmos moviam-se de um lado para o outro, ainda que não tivessem o fogo que estamos habituados a considerar como a imagem da alma. Clarendon sorriu enquanto se apercebia da paz que a sua ajuda trouxera, sentindo, atrás de si, o poder de uma ciência capaz. Há muito tempo que sabia desse caso, e dava-se conta de que arrebatara essa vítima à morte com o mero trabalho de um momento. Mais uma hora e esse homem teria falecido — contudo, Jones observara-lhe os sintomas durante dias antes de ter descoberto o que os mesmos queriam dizer, sem saber sequer como agir.

Todavia, a conquista da doença pelo homem não pode ser perfeita. Clarendon, assegurando os hesitantes mas confiantes enfermeiros de que a febre não era contagiosa, pediu-lhes para lavarem o paciente com álcool e para o porem na cama. Porém, foi informado na manhã seguinte que se tratara de um caso perdido. O homem morrera depois da meia-noite numa intensa agonia, e com tais gritos e esgares no rosto que os enfermeiros quase entraram em pânico. O médico recebeu tal notícia com a sua calma habitual, não importa quais pudessem ter sido os seus sentimentos científicos, e ordenou que o doente fosse enterrado em cal. Então, com um filosófico encolher de ombros, procedeu à sua ronda habitual da penitenciária.

Dois dias mais tarde, um surto dessa doença voltou a verificar-se nessa prisão. Dessa vez, três homens tinham, ao mesmo tempo, sucumbido à infecção, e não havia maneira de disfarçar o facto de que uma epidemia de febre negra estaria já a caminho. Clarendon, tendo aderido de

um modo tão firme à sua teoria da não-contágio, sofreu uma acentuada queda de prestígio, e foi prejudicado pela recusa, por parte dos enfermeiros confiantes, em tratarem dos doentes. Estes não sentiam a devoção da alma livre que caracterizava aqueles que se sacrificavam pela ciência e pela humanidade. Esses mesmos enfermeiros eram reclusos, servindo apenas os médicos devido aos privilégios que não poderiam comprar de modo algum e, quando o preço se tornou demasiado elevado, preferiram renunciar a esses privilégios

Mas o médico ainda era dono da situação. Após uma conversa com o director e depois de ter enviado mensagens urgentes para o seu amigo, o governador, certificou-se de que recompensas especiais, em dinheiro e em sentenças reduzidas, seriam oferecidas aos reclusos para perigosos serviços de enfermagem e, usando esse método, conseguiu obter uma cota muito justa de voluntários. Ele estava agora pronto para agir, e nada poderia abalar a sua atitude e determinação. Os casos adicionais solicitaram-lhe apenas um breve aceno de cabeça, e ele parecia estranho à fadiga ao apressar-se de cabeceira em cabeceira por toda essa grande casa de pedra da tristeza e do mal. Mais de quarenta casos acabaram por surgir durante a semana seguinte, e tiveram que trazer enfermeiros da cidade. Clarendon ia a casa muito raramente, nesta fase, dormindo muitas vezes numa cama de armar nos aposentos do director da penitenciária, não cessando de se entregar, com total abandono, ao serviço da medicina e da humanidade.

Depois vieram as primeiras murmurações dessa tempestade que estava prestes a convulsionar São Francisco. A notícia acabou por sair desse espaço confinado, e a ameaça de propagação da febre negra pela cidade espalhou-se como o nevoeiro que vem da baía. Repórteres treinados na doutrina das «coisas sensacionais» usaram sem limites a sua imaginação, e ficaram contentíssimos quando finalmente foram capazes de arranjar um caso no bairro mexicano, que um médico local — talvez mais afeiçoado ao dinheiro do que à verdade ou ao bem-estar cívico — disse ser de febre negra.

Essa foi a última gota de água. Aterrorizado com o pensamento dessa morte rastejante tão próximo dele, o povo de São Francisco enlouqueceu em massa, e embarcou num êxodo histórico de que todo o país iria ter conhecimento através dos fios dos telégrafos. Barcos de carreira e barcos a remos, vapores de excursão e lanchas, caminhos-de-ferro e

autocarros, bicicletas e carruagens, carrinhas e carroças, todos foram postos ao serviço de um modo imediato e frenético. Sausalito e Tamalpais, situando-se na direcção de San Quentin, juntaram-se a essa multidão em fuga, enquanto as casas e apartamentos em Oakland, Berkeley e Alameda atingiram preços fabulosos. Colónias de tendas não demoraram a aparecer, e aldeias improvisadas alinharam-se para sul ao longo das estradas muito ocupadas que iam de Millbrae para São José. Muitos procuraram refúgio em casas de amigos em Sacramento, enquanto os restantes amedrontados, forçados por vários motivos a ficarem para trás, pouco mais podiam fazer senão manter as necessidades básicas de uma cidade quase morta.

O negócio — excepto para médicos charlatães com «curas certas» e «medidas preventivas» contra a febre — caiu rapidamente até quase desaparecer. A princípio os bares ofereciam «bebidas medicamentadas», mas em breve descobriram que o povo preferia ser enganado por charlatães com um aspecto mais profissional. Em ruas estranhamente silenciosas as pessoas observavam os rostos uns dos outros para tentarem vislumbrar possíveis sintomas dessa epidemia, e os lojistas começaram cada vez mais a recusar a entrada à clientela, parecendo-lhes, cada cliente, uma nova ameaça de febre. A maquinaria legal e judicial começou a desintegrar-se, à medida que advogados e funcionários do condado sucumbiram, um a um, ao impulso de partida. Até os médicos desertaram em grande número, muitos deles invocando a necessidade de férias entre as montanhas ou junto aos lagos a norte do Estado. Escolas e universidades, teatros e cafés, restaurantes e bares, todos acabaram por fechar gradualmente as suas portas e, apenas numa semana, São Francisco jazia prostrada e inerte apenas com a sua luz, energia e serviços de água relativamente normais, com jornais muito esquemáticos e com uma paródia acerca do transporte mantido tão-só por cavalos e carroças.

Esse foi o ponto mais baixo a que tudo chegou e a situação não poderia durar muito tempo, pois a coragem e a observação ainda não tinham morrido de todo para a humanidade e, mais cedo ou mais tarde, a não-existência de qualquer epidemia de febre negra fora de San Quentin tornou-se óbvia demais para poder ser negada, apesar de vários casos concretos e da inegável difusão da febre tifóide nas insalubres colónias de tendas dos subúrbios. Os editores e os líderes da comunidade, juntaram-se para tomarem uma série de acções, alistando ao seu serviço os

mesmos repórteres cujas energias tanto tinham contribuído para causar o problema, mas que canalizavam agora a sua avidez por «coisas sensacionais» para atitudes mais construtivas. Editoriais e entrevistas fictícias surgiram, falando do controlo completo do Dr. Clarendon sobre a doença, e da absoluta impossibilidade de esta se poder espalhar para lá dos muros da prisão. A reiteração e circulação acabaram por fazer lentamente o seu trabalho e, gradualmente, um fino fio de indivíduos urbanos transformou-se num refluente fluxo vigoroso. Um dos primeiros sintomas saudáveis foi o início de uma polémica de jornal, do conhecido tipo acrimonioso, tentando lançar a culpa para o pânico para onde quer que os participantes pensassem que a mesma pertencia. Os médicos que regressavam, ciosamente fortalecidos por umas férias oportunas, começaram a referir-se a Clarendon, garantindo ao público que este, tal como eles, manteriam a febre sob controlo, mas censurando-o por não ter feito ainda mais para verificar a sua propagação no interior de San Quentin.

Segundo eles vieram a afirmar, Clarendon tinha permitido muito mais mortes do que seria necessário. O mais comum aluno principiante de medicina sabia como verificar o contágio da epidemia e, se esse cientista de renome não o fizera, fora porque escolhera sem dúvida, por razões científicas, estudar os efeitos terminais da doença, em vez de lhes passar uma receita apropriada e salvar as vítimas. Essa política, insinuaram eles, podia ser suficiente boa entre os assassinos condenados numa instituição penal, mas não seria apropriada para São Francisco, onde a vida ainda era uma coisa preciosa e sagrada. Assim continuaram eles, e os jornais estavam contentes por publicarem tudo o que eles escreviam, já que a nitidez da campanha, a que o Dr. Clarendon sem dúvida se iria juntar, ajudaria a eliminar a confusão e a restaurar a confiança entre as pessoas.

Mas Clarendon não lhe deu resposta. Limitou-se apenas a sorrir, enquanto o seu estranho clínico Surama se entregava a uma profunda e constante risada. O médico passava agora mais tempo em casa. Assim sendo, os repórteres começaram a juntar-se em frente do portão do grande muro que o médico tinha construído em redor de sua casa, em vez de importunarem o escritório do director da prisão penitenciária de San Quentin. Os resultados, porém, foram igualmente escassos, pois Surama parecia erigir uma barreira intransponível entre o médico e o mundo exterior, mesmo depois de os jornalistas terem entrado nos jar-

dins que rodeavam a casa. Esses mesmos jornalistas, ao terem acesso à sala da frente, conseguiram vislumbrar a equipa curiosa de que Clarendon se rodeava, fazendo o melhor que podiam numa reportagem acerca de Surama e dos inusitados tibetanos esqueléticos. O exagero, é claro, era apanágio de todos os artigos que iam saindo, e o verdadeiro efeito de toda essa publicidade acabou claramente por se voltar contra o grande médico. A maioria das pessoas odeia o incomum, e centenas de indivíduos que poderiam ter desculpado a insensibilidade ou a incompetência estavam prontas para condenar o gosto grotesco que se manifestava nesse empregado que se estava sempre a rir, e nos oito orientais vestidos de preto.

No início de Janeiro, um homem persistente e ainda jovem do *Observer* escalou a parede de tijolos com fosso de dois metros de profundidade que existia nas traseiras da propriedade que rodeava a casa, para iniciar um levantamento dos variados aparecimentos no exterior, que as árvores ocultavam na parte da frente. Com um cérebro rápido e muito alerta ele acabou por registar tudo: o caramanchão de roseiras, os aviários, as jaulas onde animais mamíferos de todos os tipos, desde macacos a porcos-da-índia podiam ser vistos e ouvidos, o robusto edifício de madeira da clínica, com janelas gradeadas no canto noroeste dos jardins, e olhares furtivos pelos mil metros quadrados de privacidade entre muros. Estava em preparação um grande artigo, e ele teria escapado ileso se não fossem os latidos de *Dick*, o gigantesco e amado São Bernardo de Georgina Clarendon. Surama, imediato na sua resposta, agarrou o jovem pelo colarinho antes mesmo que este pudesse ter esboçado um protesto, e estava agora a sacudi-lo, como um Terrier sacode uma ratazana, e a arrastá-lo por entre as árvores do jardim da frente em direcção ao portão.

Explicações ofegantes e trémulos pedidos para ver o Dr. Clarendon foram inúteis. Surama apenas se riu e continuou a arrastar a sua vítima. De repente, um verdadeiro susto surgiu diante desse escriba espertalhão, e ele começou a desejar ardentemente que essa criatura sobrenatural falasse, quando mais não fosse apenas para provar que se tratava realmente de um ser de carne e osso que pertencesse a este planeta. Ele ficou mortalmente agoniado, e esforçou-se para não olhar nos olhos que ele sabia deverem estar na base daquelas órbitas fundas e negras. Em breve ouviu o portão a abrir-se e sentiu-se impelido violentamente para fora através

do mesmo, mas, no instante seguinte, acabou por acordar bruscamente para as coisas terrestres ao cair na vala enlameada que Clarendon tinham mandado cavar em torno de toda a extensão da parede. O susto deu então lugar à raiva quando ouviu esse portão maciço a fechar-se, e se levantou a pingar a erguer a mão fechada contra esse portal proibido. Então, quando se virou para se ir embora, um som suave deslizou atrás dele, e através de um pequeno postigo na porta sentiu os olhos fundos de Surama e ouviu os ecos de uma profunda risada capaz de gelar o sangue.

Este jovem, sentindo talvez, justificadamente, que o modo como tinham lidado com ele tinha sido mais brusco do que ele merecia, resolveu vingar-se da família que o tratara desse modo. Assim, preparou uma entrevista fictícia com o Dr. Clarendon, que deveria ter sido realizada no edifício da clínica, durante a qual ele teve o cuidado de descrever a agonia de uma dúzia de doentes com febre negra que a sua imaginação ordenara em filas alinhadas de catres. O seu golpe de mestre foi a imagem de um doente que sofria particularmente de um modo patético, implorando que lhe dessem água, enquanto o médico segurava um copo desse líquido transparente, diante dele mas fora do seu alcance, numa tentativa científica de determinar o efeito de uma emoção tentadora no prosseguimento dessa doença. Essa invenção era seguida por insinuantes parágrafos do comentário tão cheios de elogios, que se tornavam ainda mais venenosos. O Dr. Clarendon era sem dúvida, segundo se dizia no artigo, o maior cientista do mundo e o mais obcecado pelo seus estudos, mas a ciência não era amiga do bem-estar individual, e não gostaríamos de ter os mais graves males prolongados e agravados meramente para satisfazer um investigador em algum momento de verdade abstracta. A vida era demasiado curta para tal.

No seu todo, o artigo era diabolicamente hábil, e conseguiu horro- rizar nove em cada dez leitores contra o Dr. Clarendon e os seus supos- tos métodos. Outros jornais foram rápidos em copiar e ampliar o cerne desse artigo, retomando o tom do mesmo, iniciando assim uma série de «falsas» entrevistas que percorriam, com uma certa desenvoltura, a gama das fantasias depreciativas. Em nenhum caso, porém, se dignara o médico a rebater tais afirmações. Este não tinha tempo a perder com parvos e mentirosos, e pouco se importava em controlar os seus ímpet- os. Quando James Dalton lhe telegrafou lamentando a situação e ofere- cendo-lhe ajuda, Clarendon respondeu-lhe com uma brevidade quase grosseira. Ele não se importava com o ladrar desses cães, e não se queria

incomodar a açaimá-los. Nem sequer iria agradecer a alguém que se envolvesse num assunto a que não valeria a pena dar qualquer atenção. Em silêncio e numa atitude de desprezo, continuou as suas funções com uma tranquila regularidade.

Mas a faísca acesa pelo jovem repórter já tinha feito os seus danos. São Francisco estava outra vez envolvida numa onda de loucura e, dessa vez, com tanto de raiva como de medo. Os sóbrios juízos de valor tornaram-se uma arte extinta e, embora não tivesse ocorrido um segundo êxodo, seguiu-se um período de vício e de irresponsabilidade nascido do desespero, e sugerindo fenómenos semelhantes nos tempos medievais de peste negra. O ódio correu à solta contra esse homem que descobrira a doença e se estava a esforçar por contê-la, e um público um pouco tonto esqueceu-se dos grandes serviços que prestara ao conhecimento no seu esforço para atihar as chamas do ressentimento. Pareciam, na sua cegueira, odiá-lo pessoalmente, em vez de odiarem a epidemia que chegara à sua cidade de frescas brisas e que, regra geral, era um local bastante saudável.

Em seguida, o jovem repórter, deliciado com o fogo de Nero que ele mesmo ateara, acrescentou-lhe um último toque pessoal da sua autoria. Lembrando as indignidades que sofrera às mãos do homem cadavérico da clínica, preparou um artigo magistral sobre a casa e sobre o ambiente quotidiano do Dr. Clarendon, dando especial destaque a Surama, cujo aspecto seria suficiente, segundo declarou, para provocar que a pessoa mais saudável contraísse uma espécie de febre. Tentou também fazer com que esse indivíduo magro, sempre a rir-se, fosse retratado como alguém simultaneamente ridículo e terrível, sendo mais bem-sucedido neste último aspecto, dado que uma onda de horror crescia sempre que ele pensava na sua breve proximidade com essa criatura. Desse modo, recolheu todos os rumores acerca do homem que ele atacava, elaborou acerca da profundidade da sua erudição de renome, e sugeriu malevolamente que não poderia haver qualquer segredo divino, ou remota África, em que o Dr. Clarendon o pudesse ter encontrado.

Georgina, que acompanhou de perto os jornais, sentiu-se desapontada e ferida por esses ataques ao irmão, mas James Dalton, que os ia visitar muitas vezes, fazia o possível para consolá-la. Nisso, era caloroso e sincero, pois desejava não só agradar à mulher que amava, mas expressar alguma da reverência que ele sempre sentira pela genialidade condutora

desse génio que fora o seu companheiro mais próximo de juventude. Ele disse a Georgina como a grandeza nunca poderia ser isenta dos acessos de inveja, e citou a longa e triste lista de grandes cérebros espezinhadados sob os mais vulgares calcanhares. Esses ataques, observara ele, constituíam a mais verdadeira de todas as provas da sólida eminência de Alfred.

«Mas magoam do mesmo modo» respondeu-lhe ela, «e ainda mais quando sei que o Al acaba por sofrer por causa disso, se bem que finja sempre uma absoluta indiferença.»

Dalton beijou-lhe a mão de um modo que então ainda não era obsoleto entre pessoas de um certo estatuto.

«E a mim magoa-me ainda mais, ao saber quanto tudo isso vos afecta a ambos. Mas não faz mal, Georgie, juntos haveremos de superar este estado de coisas!»

Assim aconteceu que Georgina começou a confiar, cada vez mais, na força dessa sólida união, e a contar com o governador de queixo quadrado, que fora seu namorado de juventude, revelando-lhes as coisas que ela mais temia. Os ataques da imprensa e a epidemia ainda não eram tudo. Havia aspectos no lar de que ela não gostava. Surama, cruel do mesmo modo para pessoas e animais, enchia-a da mais inominável repulsa, e ela não podia deixar de sentir que ele queria praticar alguma maldade, se bem que vaga e indefinida, contra Alfred. Também não gostava dos tibetanos, e achava muito estranho que Surama fosse capaz de falar com eles. Alfred nunca lhe dissera quem Surama era ou o que ele pudesse representar, mas já lhe explicara, de um modo um pouco hesitante, que se tratava de um homem bem mais velho do que, normalmente, se poderia considerar como credível, e que ele conseguira dominar certos segredos e passara experiências capazes de o tornarem um colega de valor fenomenal para qualquer cientista que procurasse os mistérios ocultos da Natureza.

Encorajado pela sua inquietação, Dalton tornou-se um visitante ainda mais frequente da casa dos Clarendon, embora tivesse reparado que a sua presença não era nada agradável para Surama. O ossudo «homem da clínica» ganhara o hábito de olhar, de um modo insistente e peculiar, através das suas fundas órbitas espectrais, sempre que ele entrava e, muitas vezes, depois de fechar o portão quando ele saía, ria-se monotona-mente, de uma forma que lhe dava arrepios. Entretanto, o Dr. Clarendon parecia alheado de tudo excepto do seu trabalho em San Quentín, para

onde se dirigia todos os dias na sua lancha — sozinho para além da companhia de Surama, que se encarregava do volante enquanto o médico lia ou arrumava as suas notas. Dalton achava sempre bem-vindas essas ausências regulares, pois estas davam-lhe oportunidades constantes para renovar as suas diligências a fim de obter a mão de Georgina. Quando ficava mais tempo e se encontrava com Alfred, no entanto, cumprimentava este sempre de um modo simpático, apesar do seu habitual ar reservado. Na altura, o namoro entre James e Georgina tornou-se uma coisa definitiva, e os dois aguardavam apenas uma oportunidade favorável para falarem com Alfred.

O governador, todo alma em tudo o que fazia, e firme na sua lealdade protectora, não poupava esforços na divulgação de elogios em prol do seu velho amigo. A imprensa e o funcionalismo sentiram ambos a sua influência, e ainda conseguiu interessar cientistas da Costa Leste, muitos dos quais vieram para a Califórnia para estudarem a epidemia e investigarem o bacilo contra a febre que Clarendon conseguira isolar tão rapidamente, aperfeiçoando as suas pesquisas. Todavia, esses médicos e biólogos não obtiveram a informação que pretendiam, de modo que alguns deles acabaram por se ir embora com uma impressão muito negativa. Não foram assim poucos os que escreveram artigos hostis contra Clarendon, acusando-o de uma atitude pouco científica que apenas pretendia alcançar a fama, e insinuando que ele ocultava os seus métodos através de um desejo muito pouco profissional de obter lucros pessoais.

Outros, felizmente, eram mais indulgentes nos seus juízos, e escreviam com entusiasmo acerca de Clarendon e da sua obra. Estes tinham observado os doentes, e podiam apreciar o modo maravilhoso como ele conseguia conter essa terrível doença. Consideravam o seu sigilo em relação à antitoxina bastante justificável, dado que a sua difusão, de uma forma imperfeita, só poderia trazer mais desvantagens do que progressos. O próprio Clarendon, com quem muitos de seus pares se tinham encontrado antes, impressionara-os mais profundamente do que nunca, e eles não hesitaram em compará-lo com Jenner, Lister, Koch, Pasteur, Metchnikoff, e com o resto das pessoas cuja vida inteira fora dedicada ao estudo da patologia e da humanidade. Dalton teve o cuidado de juntar para Alfred todas as revistas que falavam bem dele, trazendo-as pessoalmente como uma desculpa para se encontrar Georgina. Todavia, estas não produziam muito efeito para além de suscitarem um sorriso de des-

prezo por parte de Clarendon, e este, em geral, entregava-as a Surama, cuja profunda e perturbadora risada ao lê-las formavam um estranho paralelo com o irónico divertimento do médico.

Uma noite de segunda-feira, em Fevereiro, Dalton veio visitá-los com a firme intenção de pedir a Clarendon a mão da sua irmã. A própria Georgina foi abrir-lhe o portão e, enquanto eles caminhavam em direcção à casa, ele parou para fazer festas no cão grande, que correu e colocou as patas dianteiras amigavelmente no seu peito. Tratava-se do *Dick*, do adorado São Bernardo de Georgina, e Dalton estava feliz por sentir que tinha agora o afecto de uma criatura que era tão importante para ela.

Dick estava animado e feliz, e quase atirou o governador ao chão com a pressão vigorosa das patas, enquanto emitia um ladrar baixo e rápido e saltava por entre as árvores em direcção à clínica. Ele não desapareceu, no entanto, mas parou logo e olhou para trás, voltando a ladrar suavemente, como se quisesse que Dalton o seguisse. Georgina, que estava acostumada a obedecer aos caprichos do seu enorme animal de estimação, gesticulou para James para que este fosse ver o que o cão queria, e ambos caminharam com calma atrás dele, enquanto *Dick* trotava animadamente para as traseiras do pátio, onde o topo do edifício da clínica se recortava contra as estrelas, por cima da parede de grandes tijolos.

O contorno das luzes lá dentro surgiu em torno das margens das cortinas escuras, de modo que ficaram a saber que Alfred e Surama estavam a trabalhar. De repente, do interior, veio um som fino e suave, semelhante ao grito de uma criança, chamando melancolicamente pela mãe, após o qual *Dick* latiu, enquanto James e Georgina se sobressaltaram justificadamente. Então Georgina sorriu, lembrando-se dos papagaios que Clarendon mantinha sempre para uso experimental, e deu uma ligeira palmada na cabeça de *Dick*, para lhe perdoar por os ter enganado ou para o consolar do facto de ele próprio ter sido enganado.

Ao voltarem-se lentamente em direcção à casa, Dalton mencionou a sua decisão de falar com Alfred naquela noite acerca do noivado, e Georgina não teve qualquer objecção. Ela sabia que o seu irmão não iria apreciar a perda de uma companheira fiel e de uma boa gerente, mas acreditava que a sua afeição não colocaria qualquer obstáculo em relação à sua felicidade.

Mais tarde, nessa noite, Clarendon entrou em casa com um passo desenvolto e com um aspecto menos sombrio do que o habitual. Dalton,

vendo um bom presságio nesse à-vontade, ganhou coragem quando o médico lhe apertou a mão com um jovial; «Ah, Jimmy, como vai este ano a política?» Ele olhou para Georgina, e ela calmamente desculpou-se, enquanto os dois homens entabularam uma conversa sobre temas de natureza geral. Pouco a pouco, no meio de muitas lembranças de seus antigos dias de juventude, Dalton tentou trazê-lo até ao assunto que mais lhe interessava, até que, por fim, lhe conseguiu colocar a pergunta crucial:

«Alf, gostaria de me casar com Georgina, será que poderemos contar com a tua bênção?»

Ao olhar atentamente para o seu velho amigo, apercebeu-se de que algo lhe ensombrou o rosto. Os seus olhos escuros cintilaram por momentos e depois tornaram-se mais calmos. Via-se que ou a ciência ou o egoísmo estavam em pleno funcionamento.

«Estás a pedir-me o impossível, James. A Georgina já não é a mesma borboleta errante que costumava ser há uns anos. Agora tem um lugar ao serviço da verdade e da humanidade, e esse lugar é aqui. Ela já decidiu dedicar toda a sua vida ao meu trabalho — a este lar que faz com que o mesmo seja possível — e não há margem para deserções ou para caprichos pessoais.»

Dalton ainda esperou, para se certificar de que ele tinha acabado. Esse mesmo velho fanatismo, a humanidade por oposição à individualidade, tal como esse médico, iriam permitir que Georgina nunca tivesse uma vida própria! Foi então que ele tentou ripostar.

«Mas vê bem, Alf, estás a dizer-me que a Georgina, em particular, é tão importante para o teu trabalho que não hesitas em fazer dela uma escrava ou uma mártir? Usa o teu senso comum, meu amigo! Se fosse uma questão de que Surama ou alguém ainda mais esquisito pudessem ser indispensável para as tuas experiências era algo inteiramente diferente, mas, vistas bem as coisas, a Georgina limita-se apenas a gerir a casa. Ela já prometeu casar comigo e diz que me ama. Será que tens o direito de lhe arrebatares a vida que lhe pertence? Será que tens esse direito?...»

«Já chega, James!» Clarendon mostrava um rosto fechado e muito pálido, «Seja como for, se tenho o direito ou não de gerir os assuntos da minha família isso não deveria ser uma preocupação para alguém de fora.»

«De fora?... Será que poderás dizer uma coisa dessas a uma pessoa que... » Dalton quase se engasgou à medida que a voz fria do médico o voltava a interromper.

«Uma pessoa de fora para a minha família e, de ora em diante, um estranho em minha casa. Dalton, creio que as tuas pretensões já estão a ir muito longe. Boa noite, senhor governador!»

E Clarendon saiu da sala sem sequer lhe estender a mão.

Dalton hesitou por momentos, quase sem saber o que fazer, quando Georgina entrou na sala. O rosto mostrou que ela falara com o irmão, e Dalton pegou-lhe nas mãos impetuosamente.

«Bem, Georgie, que dizes tu? Receio que tenhas que escolher entre mim e o Alf. Tu sabes o que sinto, sabes bem o que sentia antes, quando era o teu pai que eu tinha que enfrentar. Qual é a tua resposta desta vez?»

Ele esperou até ela lhe ter respondido lentamente:

«Querido James, acreditas que te amo?»

Ele acenou afirmativamente com a cabeça e apertou-lhe as mãos com expectativa.

«Então, se me amas, irás esperar um pouco. Não penses nos modos grosseiros do Al. Ele acaba por ser uma pessoa que nos faz pena. Eu não posso dizer-lhe tudo agora, pois sabes como estou preocupada. Com o esforço de seu trabalho, as críticas e os olhares e risadas de Surama, dessa horrível criatura, receio que ele possa vir a ter uma crise nervosa! Ele mostra esses indícios de um modo que talvez não seja muito óbvio para quem está de fora. Mas eu dou-me bem conta disso, pois vi-o durante toda a minha vida. Ele está a mudar — a sucumbir lentamente sob as suas preocupações — e põe essa máscara de excessiva rispidez para o disfarçar. Será que podes compreender o que te digo, querido?»

Ela ficou calada, e Dalton voltou a acenar com a cabeça, pressionando uma das suas mãos contra o peito. Então, ela concluiu:

«Então, promete-me, querido, que irás ter paciência. Por enquanto, terei que ficar ao lado dele. Tenho mesmo... tenho mesmo!»

Dalton não conseguiu falar durante alguns momentos, mas a cabeça inclinou-se-lhe no que parecia ser quase uma vénia de reverência. Havia mais de Cristo nessa mulher dedicada do que ele pensara que qualquer ser humano pudesse ter, e, perante tal amor e lealdade, ele não lhe poderia exigir mais nada.

As palavras de despedida e tristeza foram breves, e James, cujos olhos azuis estavam muito húmidos, mal viu o homem magro da clínica, quando este lhe abriu finalmente o portão para a rua. Mas, ao ouvi-lo

fechar, ouviu também as risadas de gelar o sangue que ele conhecia tão bem, e sabia que Surama estava aí, o homem a quem Georgina chamara o génio do mal do seu irmão. Afastando-se com um passo firme, Dalton resolveu manter-se vigilante e agir ao primeiro sinal de problemas.

III

Entretanto, São Francisco, com a epidemia ainda nos lábios de toda a gente, fervilhava com um sentimento de ódio a Clarendon. Na verdade, os casos fora da penitenciária eram muito poucos, e confinados quase inteiramente aos elementos mexicanos das classes mais baixas, cuja falta de saneamento era um convite permanente para doenças de todos os géneros. Mas os políticos e as pessoas não precisavam de mais do que isso para confirmarem os ataques levados a cabo pelos inimigos do médico. Vendo que Dalton estava inabalável no seu apoio a Clarendon, os descontentes, os médicos mais dogmáticos e os curandeiros voltaram as suas atenções para a legislatura estadual, alinhando os indivíduos que estavam contra Clarendon e os velhos inimigos do governador com grande astúcia, a fim de se prepararem para promulgarem uma lei — votada por maioria — transferindo a autoridade para as pequenas nomeações institucionais do chefe executivo para os vários conselhos ou comissões em causa.

Na prossecução dessa medida, nenhum chefe de lóbi foi mais activo do que o assistente em chefia de Clarendon, o Dr. Jones. Com inveja do seu superior desde o início, via agora uma oportunidade para transformar as coisas a seu gosto, e agradecia ao destino pela favorável circunstância — de facto responsável pela sua presente posição — e pelo seu relacionamento com o director do conselho prisional. A nova lei, se aprovada, poderia significar a remoção de Clarendon e a nomeação de Jones para o seu lugar. De modo que, alertado para os seus próprios interesses, trabalhava arduamente para isso. Jones era tudo o que Clarendon não era: um político nato e um cínico oportunista que se importava sobretudo com o seu próprio avanço na carreira, e só muito raramente com o progresso da ciência. Ele era pobre, e ávido por um posto de trabalho com um salário significativo, o que muito contrastava com o sábio